

## HISTÓRIA DOS BANQUETES EGÍPCIOS

Josiane Gomes da Silva<sup>1</sup>

Lucas Donato Iglésias Freire<sup>2</sup>

Iniciaremos este trabalho abordando um assunto sobre as fontes utilizadas neste estudo, explicando e comentando as fontes usadas, que neste caso foi às fontes de cunho iconográfico. Como os antigos egípcios construíam suas imagens como pintura e escultura especialmente para, louvar suas divindades, e também para mostrar hábitos e costumes de seu cotidiano. Mostrando com riqueza de detalhes seus ritos, as festas, banquetes, funerais, servos trabalhando; etc., além disso, os antigos egípcios também reproduziam cenas de atos sexuais, erotismo e cenas de amor e carinho entre os deuses, entre os seres humanos e entre deuses e humanos. Assim como cenas de caça e produções de alimentos eram pintadas esculpidas como ações normais do cotidiano, as cenas de sexo e amor também eram feitas como rotina da vida social dos antigos egípcios.

Assim como cenas da sexualidade era expressa nas artes como algo normal e sagrado com forte teor especialmente com a visão de que o ato sexual era a fonte da origem da vida como foi explicado antes, proporcionando ao sexo um caráter sagrado. Pois foi através do ato sexual que algumas divindades deram vida a outros seres divinos ou terrenos. Amor e sexo e insinuações ao erotismo eram reproduzidos em vários suportes como nas paredes de templos, túmulos, sarcófagos, papiros etc.

Iniciaremos este último capítulo falando um pouco de conceitos básicos sobre a história da arte do Egito antigo. Após isso faremos um breve levantamento historiográfico sobre como o estudo das imagens é importante para as pesquisas na história antiga e mais precisamente nas pesquisas sobre a história da sexualidade do Egito antigo. Logo em seguida entraremos nas análises das iconografias que expressam cenas de amor, erotismo e atos sexuais e algumas imagens retratando os mitos mostrados no primeiro capítulo como o da criação do mundo pelo deus Atum e imagens das demais divindades como Geb e Nut.

---

<sup>1</sup> UFRN

<sup>2</sup> UFRN

Não poderíamos estudar as iconografias do Egito faraônico sem entender o estilo egípcio antigo sobre arte. Compreender os conceitos básicos da história e estilo artísticos do Egito antigo é fundamental para uma melhor análise das iconografias tratadas neste capítulo final.

Sobre a arte egípcia antiga, sabemos que é mundialmente famosa por seu estilo característico e de fácil reconhecimento pelos seus observadores. Mas, no entanto não é tão simples como se parece, a maioria das imagens é carregada de simbolismos e muitas deles exigem noções básicas de história da arte do Egito assim como o contexto no qual foi produzida a iconografia analisada. Como afirma o historiador Paulo Johnson:

Consegue-se compreender a arte egípcia, avançaremos bastante na direção de poder apreender o espírito e a maneira de ver a vida desse povo remoto e tão bem-dotado. A dinâmica de sua civilização parece ter sido fundamentada por um amor pela ordem (Maat, para eles), através do qual eles procuraram dar às atividades e criações humanas a mesma regularidade de sua paisagem, seu grande rio, seu ciclo solar e suas imutáveis estações [...] <sup>3</sup> .

Começamos pela arquitetura egípcia que predominante tinha como principal importância a glorificação dos seus deuses em templos e pirâmides, feitas para seus faraós que eram os deuses que habitavam a terra. <sup>4</sup> Templos com suas colunas grandiosas e as pirâmides foram construídas para causar ao observador a sensação de inferioridade em relação os deuses. As pirâmides de Gisé são as formas arquitetônicas mais conhecidas do Egito antigo<sup>5</sup>. Esses templos e túmulos eram decorados por pinturas, altos e baixos relevos e esculturas que serão utilizados como fonte histórica nos estudos sobre a sexualidade do Egito antigo, os quais serão analisados de acordo com seus contextos e estilos.

Conhecidos por sua rigidez olhar fixos para frente, o cânones de beleza das esculturas egípcias permaneceram quase que imutáveis por séculos da história do Egito

---

<sup>3</sup> JOHNSON, Paulo. **Historia Ilustrada do Egito antigo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

<sup>4</sup> LISE, Giorgio. **Como reconhecer a arte egípcia**. Lisboa: edições 70, 1978.

<sup>5</sup> As pirâmides de Gisé assim foram chamadas por terem sido construídas no planalto de Gisé, e as mais conhecidas são: Quéops, Quefrem e Miquerinos. Antes das pirâmides os egípcios enterravam seus reis nas mastabas e como as pirâmides estavam sendo saqueadas passou-se a sepultar os faraós no Vale dos reis, local onde os túmulos eram escavados e encravados sobre a rocha.

antigo. Sua principal função era a incorporação do espírito do morto.<sup>6</sup> Além é claro de serem utilizadas como culto aos deuses. Eram imóveis e não demonstravam sentimentos.

Sobre os relevos eram feitos assim como a estatuária egípcia, que tinha o seu cânone de beleza. Assim como as pinturas, os relevos não têm perspectivas, pois não se buscava retratar fielmente a realidade visual e sim a forma que os antigos egípcios percebiam o mundo em sua volta e esse mundo era prioritariamente religioso. Os egípcios se preocupavam em transmitir uma mensagem mais do que uma realidade.<sup>7</sup>

Chegamos ao entendimento das pinturas e desenhos egípcios. Hoje sabemos por que os estilos dos desenhos, relevos e pinturas não tiveram grandes modificações, foi devido à forma como eram produzidas, como explica o historiador John Baines:

Relevos e pinturas dependiam muitos dos desenhos preliminares, preparados de acordo com traços de orientação ou, a partir do Império Médio, dentro de grelhas quadriculadas. As grelhas eram também desenhadas sobre obras já existentes, para facilitar a cópia.<sup>8</sup>

Outros aspecto que não se pode deixar de ser comentado, e a lei da frontalidade egípcia, relevos, desenhos e pinturas seguiam esse padrão, em que os humanos e deuses eram desenhados quase sempre de perfil, pois na estética egípcia desenhava-se sempre a figura humana com seu lado considerado mais belo, ou alguma parte de seu corpo que o identificasse. Mesmo sendo desenhado de perfil olhos e umbigos eram desenhados de frente, assim como os ombros, mas a cabeças e braços e pernas sempre de perfil. Tudo para se manter a visão de beleza que os antigos egípcios concebiam. A realidade era representada do jeito que os egípcios a imaginavam e não como outras civilizações faziam sempre preocupadas com as perspectivas.

A utilização da iconografia foi escolhida para reger este trabalho, pois, como se sabe, a maiorias dos historiadores a utiliza nos seus textos somente como forma ilustrativa e não como fonte histórica, e muito menos as comentam. E em especial as iconografias de cunho erótico e de representações de atos sexuais, que quase nunca são

---

<sup>6</sup> CASSON, Lionel. **O antigo Egito**. Rio de Janeiro: livraria José Olympio.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> BAINES, John. **O mundo egípcio**: Deuses, templos e faraós. Madri: Edições Del Prado, v. 1, 1996.

mostradas nos livros e muito menos analisadas mais a fundo. As fontes iconográficas só eram utilizadas como evidência para reiterar as fontes escritas.<sup>9</sup>

É sabido que imagens retratam o cotidiano de uma determinada sociedade. Para isso é necessário colocar essas iconografias em seu contexto de produção como Burke comenta:

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo, [...].

O testemunho das imagens necessita ser colocadas no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural [...] incluindo as conversões artísticas para representar crianças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do patrocinador original [...].

No caso de imagens, como no caso dos textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos - incluindo ausências significativas [...] <sup>10</sup>.

Todas essas informações serão de grande valia nos estudos da iconografia erótica no Egito antigo. Que mostrarão que o erotismo, amor e sexo eram partes importantes do cotidiano da sociedade do Egito faraônico e que o sexo era expresso não como algo pecaminoso e sim como algo sagrado e belo, pois a sexualidade era retratada segundo cânones de beleza egípcia, em sua plenitude. Mostrada como algo normal no dia-dia egípcio, eram ações simples como o ato de trabalhar ou jogar, só se diferenciando no fato sagrado e simbólico que o sexo tinha nessa sociedade.

Entraremos no entendimento sobre os banquetes primeiramente veremos o assunto seguindo certa lógica como exemplo os preparativos, participantes e da organização e tudo que envolvia as festividades do banquete no Egito Antigo. Estudaremos agora quais os alimentos que mais os egípcios gostavam: A carne sempre foi consumida em quantidade, principalmente a do boi. O assim chamado boi africano é

---

<sup>9</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru – SP: EDUSC, 2004.

<sup>10</sup> Ibidem.

um animal com chifres avantajados, de grandes proporções e rápido no caminhar. Esse animal era submetido a um regime de engorda que o tornava enorme e pesado, até o ponto de ficar impossibilitado de andar. Só então estava pronto para o abate. Ao que parece, a carne era servida geralmente cozida, provavelmente em molho, mas havia alguns tipos de carne que eram assadas no espeto. Entretanto, a carne era uma comida de luxo para a maioria das pessoas, que talvez só a consumissem em ocasiões especiais como, por exemplo, nos banquetes funerários. Pedacos de carne são representados freqüentemente nos túmulos em estelas, ou compondo o conjunto de produtos dispostos nas mesas de oferendas como eterno alimento para o falecido. Rabanetes, cebolas e alhos fazem parte da dieta egípcia, sendo que estes últimos eram muito apreciados. Melancias, melões e pepinos aparecem representados com freqüência nas pinturas dos túmulos, sendo que neles os arqueólogos também encontraram favas, ervilhas e grãos de bico. Nas hortas domésticas cultivava-se a alface, a qual os egípcios acreditavam que tornava os homens apaixonados e as mulheres fecundas e, assim, consumiam-na em grande quantidade, crua e temperada com sal e azeite. *Min*, o deus da fecundidade, tem às vezes sua estátua erguida no meio de um quadrado de alfaces, sua verdura preferida. Seth, segundo nos conta a lenda, era outro deus apreciador de alface. Com relação aos frutos, consumiam uvas, figos e tâmaras, sendo que estas últimas também eram empregadas em medicamentos. A romeira, a oliveira e a macieira foram introduzidas no Egito somente por volta de 1640 a.C. O azeite era utilizado não apenas na alimentação, mas também para iluminação. Frutos como laranjas, limões, bananas, peras, pêssegos e cerejas não eram conhecidos dos antigos egípcios, sendo que os três últimos só passaram a ser consumidos na época romana. Nesse capítulo os mais pobres muitas vezes só podiam mascar o interior dos caules de papiros, a exemplo do que fazemos hoje com a cana de açúcar.

Pães e bolos eram preparados nas casas das pessoas ricas e também nos templos, o que incluía a moagem dos grãos. É possível, entretanto, que moleiros e padeiros independentes trabalhassem para atender as pessoas humildes. A panificação era um trabalho conjunto de homens e mulheres. Na figura ao lado vemos uma serva carregando uma oferenda de pão e carne. A peça, cuja altura é de 38 centímetros, foi datada como sendo da XII dinastia (1991 a 1783 a.C.).

A bebida número um dos egípcios era a cerveja, consumida em todo o país, tanto nas cidades como nos campos. Era feita com cevada ou trigo e tâmaras e sorvida em taças de pedra, faiança ou metal, de preferência em curto espaço de tempo, pois azedava com facilidade. O vinho, sem dúvida, ficava em segundo lugar na preferência etílica dos egípcios, havendo grande comércio do produto. Eles apreciavam o vinho doce, de uma doçura que ultrapassasse a do mel.

As criadas, sempre novas e bonitas, trajavam vestidos transparentes ou usavam apenas um gorjal e um cinto sobre o corpo. Circulavam entre os convidados distribuindo flores de lótus para todos os presentes e com uma pomada perfumada que transportavam num grande prato, confeccionavam os cones brancos que todos usavam na cabeça. Esse era um acessório indispensável numa recepção: com o calor do corpo e do ambiente os cones se fundiam lentamente, inundando o salão de fragrância e mascarando o cheiro da comida que se espalhava pelo ar.

Os donos da casa — nos conta o egiptólogo Pierre Montet — sentavam-se em cadeiras de espaldar alto, cujas partes de madeira eram incrustadas de ouro e prata, turquesa, cornalina e lápis-lazúli. À disposição de alguns convidados colocam-se também assentos muito luxuosos. Os outros se contentavam com tamboretos em X ou mesmo com tamboretos de pés verticais. Em casa das pessoas humildes, as pessoas sentavam-se simplesmente sobre esteiras. Os assentos preferidos pelas raparigas eram os coxins de couro, muito bem trabalhados. Os homens colocavam-se de um lado, as mulheres de outro. O moralista Ptah-hotep, que sabia o que dizia, recomenda aos jovens, e mesmo aos homens maduros, convidados para uma casa amiga, que não olhem demasiado para o lado das mulheres. Isto não era uma regra absoluta. Quando se reuniam os homens e as mulheres, os serviços não eram separados. O convidado podia, se o desejava ficar junto de sua esposa.

Mesmo depois de todos já estarem saciados, a música, os cânticos e as danças prolongavam a reunião. Os cantores improvisavam versos que celebravam a generosidade dos donos da casa ou a bondade dos deuses. Enfatizavam o fato de a vida ser curta e que, portanto, aquele dia feliz devia ser bem aproveitado, antes que a tristeza

do reino dos mortos se abatesse sobre eles. Sobre esse assunto o historiador Heródoto relata um costume vigente na época da decadência da civilização egípcia:

“Quando os egípcios abastados realizam festins em suas casas, têm o hábito de fazer levar à sala, depois do repasto, um esquife contendo uma figura de madeira trabalhada com perfeição e muito bem pintada, representando um morto. Essa figura, que mede de um a dois côvados de comprimento, é exibida a cada um dos convivas, acompanhada desta advertência: “Lança os olhos sobre este homem. Tu te parecerás com ele depois da morte. Bebe, pois, agora, e diverte-te.”

De fato figurinhas de madeira, esculpidas, pintadas e colocadas em caixões de modo a imitarem exatamente um morto mumificado, foram realmente encontradas por arqueólogos numa residência particular da cidade de Tanis.

A civilização é a egípcia. Desde o século XIX, muitos estudiosos se debruçam sobre os achados desta sociedade, tentando narrar e reescrever o seu passado. Faraós, rainhas, templos e deuses são os principais focos destas pesquisas. Mais recentemente, graças a teorias e novas interpretações históricas, outros elementos do Antigo Egito têm sido postos em evidência. São ecos da História do Cotidiano se manifestando na narrativa sobre a Terra dos Faraós.

Escavações arqueológicas, análises de tumbas, documentos escritos e pinturas têm servido para elucidar a vida dos “homens comuns” do Egito, seu trabalho, suas relações sociais, sua dieta, enfim tudo que se pode saber e estudar sobre a vida das pessoas que também constroem a História e que por vezes ficam à margem na escrita da mesma. Sabemos hoje, que incensos faziam parte do dia-a-dia das famílias do Egito, que usavam roupas em cores e tecidos de acordo com o seu trabalho e sua posição social, há ainda o fato de que se organizava para a prática de tarefas coletivas, como a construção de uma residência, em sistema de mutirão (fato comum no Egito atual).

O pão, em geral era preparado na própria residência, que a alimentação era composta basicamente de pão, alho, cerveja e peixe (caso pescassem), pato ou outra carne (elemento nem sempre presente na maioria das casas), já os nobres consumiam, queijos, vinhos e outros, fator que demonstra uma desigualdade. Na medicina esta desigualdade, quase não existia, ou seja, são variantes de um mesmo processo.

A História do Cotidiano tem se revelado um excelente caminho para o entendimento de transformações e permanências, de semelhanças e diferenças nas várias temporalidades de um local específico, e serve também como um valioso caminho a ser trilhado por professores em suas aulas de História. Tanto na pintura como na escultura, as figuras humanas eram representadas em postura hierática, isto é posição rígida e respeitosa geralmente com a cabeça e as pernas de perfil e o tronco de frente. Esse tipo de representação da figura humana constitui uma característica geral da arte egípcia embora haja exceções. O sistema educacional desse antigo povo era mais ou menos o que se podia esperar de uma sociedade altamente integrada. Mantida pelo tesouro, existia certo número de escolas públicas organizadas para o ensino de milhares de escribas, que se faziam indispensáveis no papel de amanuenses e contadores, bem assim como nas funções administrativas do governo. Muitos deles, também empregavam a serviços dos proprietários de terras e dos homens de negócios mais importantes. Essas escolas eram freqüentadas e todos os jovens promissores, sem qualquer consideração de classe. Ao que parece a instrução era mantida gratuitamente pelo governo, dada a necessidade vital dos homens preparados. Somente os assuntos de inteiras utilidades incluíam-se no currículo, pois o fim não era a educação em seu sentido lato, mas o preparo prático. Apesar de suas limitações, essas escolas ofereciam aos moços pobres, mas talentosos, um meio de escapar a uma vida de trabalho sem esperança.

Os egípcios, especialmente no tempo anterior à invasão dos hicsos, gostavam muito de música serena de harpa e outros instrumentos de tons suaves. Uma pintura, encontrada num túmulo em SACARA, datado mais ou menos do tempo em que foi construída a Grande Pirâmide, expõe músicos tocando uma flauta vertical, uma clarineta dupla e uma harpa de quatro cordas.

Quatro cantores mostrados sentados parecem indicar a melodia por meio de movimentos das mãos e dos dedos. Evidentemente, os instrumentos musicais só eram usados para acompanhar cantores. A julgar de suas atitudes e seus gestos, bem como os traços que lhes aparecem nos rostos, pode-se supor que os cantores devam estar cantando no mesmo estilo nasal, de garganta comprimida e em falsete que é característico do canto do Oriente em nosso tempo.

A literatura dos cantos de amor, que data da Décima-Segunda Dinastia, indica secular tradição musical de finura, talvez comparável à vetusta música religiosa. A era dos hicsos trouxe música mais polar mais barulhenta, embora a calma a clássica música do Antigo reino perdurasse nas escolas e templos sob a supervisão da classe conservadora.

## Referencias bibliográficas

DONADONI, S. **O homem egípcio**. Lisboa: presença, 1994.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, RONALDO. **Domínios da história**: Ensaio de teoria e metodologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

----- **Amor, desejo e poder na antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: UNICAMP, 2003.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo**: Um estudo de representações Históricas.

MONTET, Pierre. **O Egito do tempo de Ramsés**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NOBLECOURT, Christiane D. **A mulher no tempo dos Faraós**. São Paulo: Papirus, 1994.

ROMER, John. **O vale dos Reis**: o mistério das tumbas reais do antigo Egito. São Paulo: Companhia melhoramentos. 1994.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L & PM, 2007.